

O EMPREGO DA METÁFORA NA CONSTITUIÇÃO DISCURSIVA DO ESCÂNDALO POLÍTICO MIDIÁTICO: O CASO *NOVOS ALOPRADOS*

Maria Eduarda GONÇALVES PEIXOTO

Ruberval FERREIRA

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Resumo: Este artigo se ocupa em discutir a atuação de instâncias enunciativas de mídia no processo de constituição simbólica do escândalo político. Com base na concepção de escândalo político como evento midiático e simbólico (THOMPSON, 2002) e na definição de discurso como prática articulatória (LACLAU, 2008, 2011; LACLAU e MOUFFE, 1987), investiga-se o evento midiático *Novos Aloprados* (2010), examinando o seu movimento de significação a partir da análise comparativa entre as práticas discursivas das revistas semanais *Veja* e *Carta Capital*. Mais especificamente, descreve-se como ambos os discursos midiáticos significam as transgressões originais e secundárias envolvidas no escândalo em foco através do emprego da estratégia discursivo-textual da metáfora (LAKOFF e JOHNSON, 2002). O *corpus* é constituído por oito reportagens, que são dispostas em pares, de acordo com as quatro fases da sequência narrativa do escândalo, e examinadas observando os processos metafóricos conceituais, orientacionais e ontológicos mobilizados em sintagmas nominais e verbais referentes às transgressões. Ao final, a pesquisa indica que o escândalo político é parcialmente discursivo, constituído em parte e de diferentes modos pelas práticas discursivas dos *media*, que, associados à manipulação e ao poder, constroem o evento que noticiam (re)fundando valores, crenças e juízos quanto a formas de vida.

Palavras-chave: Escândalo Político. Mídia. Discurso. Metáfora.

THE USE OF METAPHOR IN THE DISCURSIVE CONSTITUTION OF POLITICAL SCANDAL: THE CASE *NOVOS ALOPRADOS*

Abstract: This article discusses the action of enunciative instances of media in the process of symbolic constitution of the political scandal. Based on the conception of political scandal as mediatic and symbolic event (THOMPSON, 2002) and on the definition of discourse as articulatory practice (LACLAU, 2008, 2011; LACLAU and MOUFFE, 1987), the event *Novos Aloprados* (2010) is investigated, examining its movement of meaning from the comparative analysis between the discursive practices of the magazines *Veja* and *Carta Capital*. So, it is described how the two mediatic discourses signify the original and secondary transgressions involved in the scandal in focus through the use of the metaphor's discursive-textual strategy (LAKOFF and JOHNSON, 2002). The *corpus* consists of eight reports, which are arranged in pairs

219

according to the four phases of the narrative sequence of the scandal, and examined by observing the conceptual, orientational and ontological metaphorical processes mobilized in nominal and verbal phrases referring to transgressions. The results indicates that the political scandal is partially discursive, constituted partly and in different ways by the discursive practices of the *media* which, together with manipulation and power, build the event that reports (re)founding values, beliefs and judgments about ways of life.

Keywords: Political scandal. Discourse. Media. Metaphor.

EL USO DE LA METÁFORA EN LA CONSTITUCIÓN DISCURSIVA DEL ESCÁNDALO POLÍTICO MUDIÁTICO: EL CASO NUEVOS ALOPRADOS

Resumen: Este artículo discute la actuación de instancias enunciativas de medios en el proceso de constitución simbólica del escándalo político. De acuerdo con la concepción de escándalo político como evento mediático y simbólico (THOMPSON, 2002) y con la definición de discurso como práctica articuladora (LACLAU, 2008, 2011, LACLAU y MOUFFE, 1987), se investiga el evento mediático *Novos Alopados* (2010) observando su movimiento de significación a partir del análisis comparativo entre las prácticas discursivas de las revistas semanales *Veja* y *Carta Capital*. Más específicamente, se describe cómo ambos discursos mediáticos significan las transgresiones originales y secundarias involucradas en el escándalo en foco por medio del uso de la estrategia discursivo-textual de la metáfora (LAKOFF y JOHNSON, 2002). El corpus se compone de ocho reportajes, que están dispuestos en pares, de acuerdo con las cuatro fases de la secuencia narrativa del escándalo, y es examinado observando los procesos metafóricos conceptuales, orientacionales y ontológicos movilizados en sintagmas nominales y verbales referentes a las transgresiones. Al final, la investigación indica que el escándalo político es parcialmente discursivo, constituido por las prácticas discursivas mediáticas, que, asociados a la manipulación y al poder, construyen el evento que notician (re)fundando valores, creencias y juicios en relación a formas de vida.

Palabras clave: Escándalo Político. Medios. Discurso. Metáfora.

INTRODUÇÃO

Desde a segunda metade do século XX, a definição mais amplamente compartilhada de escândalo político concebe o evento como a descoberta e a revelação pública, através da imprensa, de uma transgressão praticada no âmbito da política institucional. Comumente, o escândalo político é avaliado segundo um regime de racionalidade orientado pela crença em uma verdade literal, a partir da qual se deve julgar o discurso midiático em termos de maior ou menor distorção dos fatos publicizados. No entanto, o número cada vez mais crescente de casos escandalosos nas democracias contemporâneas parece indicar que se trata de uma

leitura equivocada restringir a atuação dos meios de comunicação, no processo de desenvolvimento do evento, à simples transmissão de informações.

Conforme pretendemos argumentar ao longo deste artigo, a mídia constitui parcialmente o escândalo político à medida que o noticia, o que implica pensar o evento não como relato ou representação de um acontecimento, mas como um movimento tenso e dinâmico de significações mediado simbolicamente pelos *media*. Nessa perspectiva, este trabalho tem o objetivo de apresentar e discutir a construção simbólica do escândalo político através das práticas discursivas midiáticas que o comunicam. Em vista desta pauta, empreende-se uma análise de discurso do caso brasileiro *Novos Alopados* (2010), que desencadeou a desestabilização do governo de Dilma Rousseff (2010-2014), com atenção para o exame das práticas discursivas das revistas semanais *Veja* e *Carta Capital*.

Ancorada sobre a concepção de escândalo político como evento midiático e simbólico (THOMPSON, 2002) e de discurso como prática articulatória hegemônica (LACLAU, 2008, 2011; LACLAU e MOUFFE, 1987), esta investigação operacionaliza uma análise comparativa entre os dois discursos midiáticos em foco, tendo como categoria discursivo-textual o emprego da metáfora (LAKOFF e JOHNSON, 2002) nas reportagens selecionadas. O *corpus* é constituído por oito reportagens, que são dispostas em pares, de acordo com as quatro fases da sequência narrativa do escândalo, e examinadas observando os processos metafóricos conceituais, orientacionais e ontológicos mobilizados em sintagmas nominais e verbais referentes às transgressões envolvidas no evento. Ao final, discutem-se os resultados obtidos, descrevendo a dimensão discursiva do escândalo político e indicando suas características principais. Espera-se, com isso, oferecer uma contribuição dos estudos linguísticos à reflexão crítica sobre a atuação da mídia no desenvolvimento desse evento social.

1. A PROPÓSITO DA NATUREZA DISCURSIVA DO ESCÂNDALO POLÍTICO

1.1. UMA EXPERIÊNCIA SIMBÓLICA E MEDIADA

Embora a expressão “escândalo” tenha origem em livros religiosos, somente a partir do século XVII o termo “escandaloso” passou a ser utilizado para indicar acusações prejudiciais,

potencialmente caluniosas, tornadas comuns à população por meio de publicações impressas. Esse vínculo estreito entre o escândalo político e o desenvolvimento dos *media* aprofundou-se com as transformações ocorridas nos séculos XVIII e XIX. A primeira dessas transformações refere-se às relações econômicas e tecnológicas da imprensa. Até o início do século XVIII, os jornais exigiam um investimento de alto custo, a tecnologia não permitia tiragens em grande escala e o financiamento dos pequenos empreendimentos dependia de receitas de vendas, de subsídios e de taxas pagas por indivíduos e partidos políticos. No início do século XIX, devido ao avanço das tecnologias de impressão, ao aumento do número de pessoas alfabetizadas e ao interesse de organizações e entidades comerciais pelos meios de comunicação em massa, houve queda de custo e expansão da circulação dos jornais. A segunda mudança refere-se às relações entre imprensa e partidos políticos. Até o século XVIII, jornais e outros periódicos eram politicamente orientados, em decorrência do fato de serem geralmente propriedades de indivíduos com filiações partidárias explícitas e por receberem regularmente apoio financeiro de grupos políticos. A terceira mudança, por fim, refere-se tanto à emergência do conceito moderno de notícia, algo que se deveria descobrir através de um processo de investigação, quanto ao surgimento da profissão do jornalista, disto é, de seu *ethos*, que enfatizava a obrigação de descobrir e narrar os fatos de modo vivo e divertido (THOMPSON, 2002, p. 82)

Influenciado por essas mudanças, o escândalo político encontrou no século XX a sua definição como gênero poderoso das modernas formas simbólicas de articulação política na vida pública. O evento se desdobra no interior de um determinado domínio social, que, por inspiração em Bourdieu (1984), classifica-se como campo. Campo é um lugar onde se dão tipos de relações objetivas entre indivíduos, coletividades ou instituições, que competem entre si pela dominação de um cabedal específico. Para o autor francês, o Estado - enquanto corpo formado por sistemas de autoridade que envolvem um arranjo complexo de regras e procedimentos cuja razão é autorizar e vigiar determinadas práticas - tem suas instituições legitimadas por quatro tipos principais de poder, que mantêm vínculos entre si: i) o poder econômico, que provém da atividade humana produtiva; ii) o poder político, que deriva da atividade de coordenação e de regulamentação; iii) o poder coercitivo, que implica o uso real ou sob ameaça da força física; e iv) o poder simbólico, que nasce dos modos de produção, transmissão e recepção de formas simbólicas.

Esta última especificidade, a do poder simbólico, é particularmente importante, porque seu foco evidencia a capacidade de influenciar indivíduos, alterar atividades e mesmo criar realidades, uma vez que se refere “à capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações e crenças de outros e, na verdade, de também criar acontecimentos” (THOMPSON, 2009, p. 23) através da produção e transmissão de formas simbólicas. O poder simbólico, segundo Bourdieu (1984, p. 114), é utilizado pelos representantes governamentais com a finalidade de “persuadir, de confrontar e de intervir” sobre ações e crenças. Afora isso, também é amplamente usado em formas sociais de cultivo de relações de confiança. Notemos, assim, que o poder simbólico não é inferior aos demais, não sendo, conseqüentemente, secundário à luta pelo poder político. Ao contrário, uma análise mais atenta sobre o escândalo político indica que esse tipo de poder é essencial na vida pública contemporânea, de modo tal que os escândalos políticos têm se destacado como meios potencialmente eficazes para prejudicar a reputação de sujeitos sociais. A reputação é um dos aspectos do capital simbólico, segundo Bourdieu (1984, p. 114), que equivale a “rituais de reconhecimento social”, contemplando os demais capitais (o cultural, o econômico e o social). Em um escândalo político, a apreciação e a estima relativas a indivíduos, partidos, instituições ou empresas são bastante caras aos participantes na disputa e reveladoras dos mecanismos de funcionamento do poder político na sociedade.

Neste processo de constituição simbólica do escândalo político, a mídia assume papel decisivo. Atualmente, as pessoas (re)orientam aspectos muito particulares de suas formas de vida por sistemas de especialidades (de organização e, até certo ponto, de controle), informando-se em jornais e revistas sobre questões que vão desde a sua intimidade a confrontos globais entre países. Tudo isso aponta para um novo tipo de espaço midiático que terá profundas implicações para “o exercício do poder e também para as oportunidades de participação pública na vida política” (SILVERSTONE, 2002, p. 264). Os contextos ordinários da vida cotidiana são invadidos pelos sistemas abstratos institucionais e organizacionais da economia e do estado (BECK, 1997), a partir do enorme acesso a recursos de conhecimento e informação e, simultaneamente, na sua dependência em relação a tecnologias de mediação. Nesse processo de mediação, caracterizada e definida por tecnologias de mídia, os sentidos dos acontecimentos escandalosos dependem diretamente dos recursos simbólicos de massa

mediados, em outras palavras, quando e de que forma as indústrias de mídia (in)formam os eventos que noticiam.

Ao ser (in)formado, “em parte e de diferentes modos, pelos veículos de mídia que o noticiam” (THOMPSON, 2002, p. 91), o escândalo político emerge enquanto experiência de mediação surgida na movimentação de textos no espaço comunicativo da vida social. Ora, a mediação pelos meios de comunicação, criada para exercer controle sobre ideias e ações de outros sujeitos (GELL, 1988, p. 7), opera pela produção, circulação e apropriação de significados na sociedade. Portanto, entender a natureza mediada ou midiática do evento implica compreender a política das práticas discursivas dos *media*, isto é, “como surgem os significados, onde e com que consequências” (SILVERSTONE, 2002, p. 43). É, precisamente, nessa perspectiva, que o estudo da dimensão simbólica e mediada do evento pode encontrar, tal como argumentamos, no conceito do discurso a categoria fundamental para a reflexão acerca da sua constituição e integração ao movimento mais amplo de produção e transformação de significados na vida social.

1.2. ESTREITANDO A RELAÇÃO ENTRE DISCURSO E ESCÂNDALO POLÍTICO

Dada a ausência de uma origem ou de um centro que determine a literalidade última ou verdade única no processo de (in)formação do escândalo político pelos *media*, tudo passa a ser considerado no interior de um complexo e tenso movimento de significação, isto é, o evento passa a ser concebido segundo sua dimensão discursiva. Conforme aponta Derrida (1978, p. 280), discurso consiste em um “sistema em que o significado central, o significado original ou transcendental, nunca está absolutamente presente para além de um sistema de diferenças”. Mais especificamente, discurso é definido, pela lógica relacional da linguagem, como uma prática de articulação que envolve momentos e elementos. Segundo Laclau e Mouffe (1987), a articulação é toda prática que estabelece uma relação entre elementos, cujas identidades modificam-se como efeito dessa prática. Os momentos são as “posições diferenciais” que são articuladas no interior do discurso (LACLAU e MOUFFE, 1987, p. 124), isto é, identidades relacionais que se articulam, formando o próprio discurso. Os elementos, por sua vez, são as diferenças que não estão articuladas discursivamente.

Diante dessa trama, discurso é (tentativa de) domínio do campo da discursividade, por ter o intento de organizar e controlar o fluxo das diferenças. Por essa característica, toda prática discursiva é hegemonia, pois a hegemonia diz respeito à totalidade ausente e às diversas tentativas de recomposição e de rearticulação, que, superando a lacuna original do real, permite dar sentidos a lutas e construir positivities para forças históricas em disputa. Ora, se qualquer objeto configura-se a partir de processos de significação e se estes processos são constrangidos em seu esforço de totalidade e objetividade, então estamos sempre diante de estruturas incompletas, marcadas pelo antagonismo, que impossibilita qualquer identidade discursiva: “na medida em que há antagonismo, eu não posso ser uma completa presença de mim mesmo” (LACLAU & MOUFFE, 1987, p. 145).

Assim, compreendemos que a mediação simbólica que caracteriza o escândalo político opera-se através dos discursos das instâncias enunciativas de mídia e que estes discursos, necessariamente antagônicos, configuram-se como práticas articulatórias. Essa reflexão nos leva a repensar a insistência em definir uma fronteira entre o que é discursivo e o que não é discursivo na emergência de eventos sociais como este. Sendo a articulação uma prática discursiva que “não tem um plano de constituição *a priori* ou à margem da dispersão dos elementos articulados” (LACLAU e MOUFFE, 1987, p. 186), tais elementos são sempre identidades relacionais. Com isso, quer-se dizer que os objetos e suas propriedades materiais estão sempre engajados em jogos de linguagem, isto é, os elementos existentes, como sujeitos e ações variadas, são significados somente dentro de sistemas de diferença, arranjados no campo de uma ontologia geral (WITTGENSTEIN, 2009; LACLAU e MOUFFE, 1987), que coincide com o discurso. Assim, o discurso é a própria configuração sistemática de significações que compõe o escândalo político simbolicamente.

Nessa direção, a relação que se estabelece entre escândalo político, discurso e mídia não é de transmissão de fatos através do instrumento designativo da linguagem, mas de um movimento complexo e antagônico de constituição simbólica. Dado o caráter discursivo do escândalo político, abandonamos logo a premissa do evento como acontecimento cuja totalidade ou objetividade seja alcançável, pois se trata de um objeto de discurso, sem nenhum princípio subjacente que determine ou garanta qualquer tentativa de verdade, objetividade e neutralidade. Os discursos não têm um sentido funcional último e preciso, mas regularidades

que estabelecem posições de diferença entre objetos no mundo. Não avaliando mais o discurso midiático em termos uma justaposição entre elementos linguísticos e fatos extra-linguísticos, mas uma construção antagônica de relações de diferença, a discursividade do escândalo político é, fundamentalmente, metafórica. A literalidade, tão frequentemente reivindicada pelos meios de comunicação que se identificam como transmissores ou porta-vozes, é, portanto, a primeira das metáforas (LACLAU e MOUFFE, 1987, p. 188).

2. A ESTRATÉGIA DISCURSIVO-TEXTUAL DA METÁFORA

Tal como explicam Lakoff e Johnson (2002), a metáfora é tão importante quanto os sentidos da percepção humana, porque atua nos modos de racionalidade, julgamento e ação das pessoas, ações e fenômenos na vida social. Assim, por estar no pensamento muito antes de se fazer presente na superfície lexicogramatical de um texto, a metáfora é recurso poderoso na significação do escândalo político, porque contribui decisivamente para a construção de sentidos que intervêm sobre formas de vida, considerando que toda forma de vida edifica-se na partilha de “um padrão de racionalidade que se encarna em instituições, disposições de condutas valorativas e hábitos” (SAFATLE, 2008, p. 12).

A metáfora possui natureza cognitiva e se manifesta em toda forma de linguagem, não apenas nas modalidades artísticas ou poéticas: “a metáfora faz parte da vida cotidiana, não somente na linguagem, como também no pensamento e na ação” (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 03). Com base nisso, a natureza discursiva do escândalo político é, até certo ponto e de diferentes modos, metafórica, à medida que o processo de metaforização é realizado frequentemente em textos de jornais e revistas não como ornamentação retórica, mas como estratégia discursivo-textual de mediação significativa do evento.

Nesta pesquisa, explanamos particularmente os três tipos principais de metáforas. Primeiro, a metáfora **conceitual** ou **estrutural**, que diz respeito a generalizações que “governam nossas expressões linguísticas” (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 17), isto é, são expressões responsáveis por estruturar metafórica e parcialmente um conceito em termos de outro. Assim, uma análise desse recurso discursivo-textual deve ter por propósito realizar um

mapeamento sistemático entre o domínio-fonte, de onde partem as inferências, e o domínio-alvo, em virtude do qual as inferências são aplicadas. No exemplo abaixo:

A estratégia passa por declarações para blindar Dilma.

a metáfora conceitual *discussão é guerra* pode ser compreendida em termos de como o domínio-fonte *guerra* aplica-se ao domínio-alvo *discussão*.

O segundo tipo de metáfora é a **orientacional**, que está diretamente relacionada com a experiência do corpo no interior de determinado espaço, portanto tendo o corpo como referencial, à medida que ela imprime ao conceito uma “orientação espacial” (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 61). Essa estratégia de simbolização pela metáfora orientacional, por isso, é dependente dos conjuntos de valores e apreciações que se encontram presentes em dada cultura (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 61). No exemplo abaixo:

Foi de Dilma Rousseff, candidata do PT, de quem partiu a ordem irada para alagar os porões que, de outra forma, iniciariam suas operações.

podemos visualizar como a metáfora orientacional pode, de fato, organizar-se em torno de esquemas imagéticos e de relações de oposição. Na cultura ocidental, a espacialização para cima é experienciada e apreciada, em geral, como algo bom ou positivo, enquanto a espacialização para baixo, ao contrário, é experienciada e apreciada em termos do que é ruim, mau ou negativo. No excerto, a expressão “porões” representa negativamente o chamado núcleo de comunicação da campanha de Dilma Rousseff, acusado de ser o autor das operações de violação de sigilo fiscal na Receita Federal.

Por fim, o terceiro tipo de metáfora é a **ontológica**, que diz respeito ao modo de “entender eventos, atividades, emoções e ideias como entidades ou substâncias” (LAKOFF, JOHNSON, 2002, p. 76). É possível chegar a conceitos mais abstratos atribuindo-lhes características específicas. Assim, esse tipo de metáfora é importante para que consigamos racionalizar experiências mais abstratas, criando uma inteligibilidade sobre elas, ao identificá-las a partir de referências, categorizações, agrupamentos, caracterizações, etc. No exemplo:

A família Sarney jamais perdoou o tucano pelo golpe.

a “Operação Lunus”, da Polícia Federal, que, em 2002, desencadeou o escândalo que derrubou a candidatura à presidência de Roseana Sarney (PFL, atual DEM), é lexicalizada metaforicamente em termos de combate e traição, como a expressão “golpe” indica.

Como é possível observar nos exemplos supracitados, os discursos podem ser diferenciados através de metáforas, o que torna a categoria especialmente útil para a identificação dos pontos de distinção entre as práticas discursivas analisadas. Para conhecermos de que modo, através do uso da metáfora, os discursos midiáticos caracterizam-se particularmente e constituem o escândalo político *Novos Alopados*, a seção seguinte detalha os procedimentos de análise da investigação empreendida.

3. METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

3.1. SELEÇÃO DAS PRÁTICAS DISCURSIVAS MUDIÁTICAS

Em vista do propósito de expor a movimentação tensa de significados na construção discursiva do escândalo político, selecionamos dois *loci* de enunciação cujas práticas discursivas, ao longo do desenvolvimento do *Novos Alopados*, construíram modos de significação de atores políticos e ações de transgressão envolvidas no evento em direções distintas: as revistas semanais brasileiras *Veja* e *Carta Capital*.

De um lado, a revista *Veja* caracteriza-se por possuir alta média de circulação nacional, vínculo com grandes conglomerados empresariais de comunicação no país e poder de pauta jornalística. O periódico, que é uma publicação do grupo Abril Comunicações S.A., um dos maiores da América Latina, foi fundado em 1968, durante o período da Ditadura Militar no Brasil pelo empresário Roberto Civita e pelo jornalista Demetrio Giuliano Gianni Carta, comumente conhecido como Mino Carta. De outro lado, a revista *Carta Capital*, fundada em 1994 pelos jornalistas Mino Carta e Roberto Fernandes de Souza e publicada pela Editora Confiança LTDA., caracteriza-se por possuir circulação nacional baixa, vínculo com médios e

pequenos grupos empresariais de comunicação e posição de contra-argumento às notícias pautadas pelo congêneres hegemônico.

3.2. COLETA DO CORPUS

Depois de definir as instâncias enunciativas midiáticas cujas práticas são nosso foco de investigação, coligimos o *corpus* para a análise textual propriamente dita. Para isso, organizamos cronologicamente o percurso de desenvolvimento do escândalo *Novos Alopados* à maneira de uma sequência narrativa. De acordo com Thompson (2002, p. 103), um escândalo político possui, geralmente, quatro fases de desdobramento. Assim, relacionamos as fases de desenvolvimento do evento em foco à estrutura sequencial de uma narrativa. Uma sequência narrativa é, conforme Barthes (2011), uma série lógica de núcleos, em que as unidades são ameaçadas, à medida que “a dimensão temporal, sobre a qual se encontram situadas, é ‘dicotomizada’ em um antes vs um depois” (BARTHES et al, 2011, p. 63). Essa dicotomia corresponde às mudanças de uma situação para outra. Com base nisso, definimos a construção discursiva do evento como uma sequência narrativa estruturada em quatro núcleos.

A primeira fase é a do pré-escândalo, que envolve investigações e inquéritos que são tornados públicos na imprensa, quando surgem as denúncias e acusações. No caso *Novos Alopados*, o primeiro núcleo da narrativa corresponde ao período entre o início de junho e o final de julho de 2010. A *Folha de São Paulo* publicou, em 12 de junho de 2010, a matéria “PT fez dossiê com dados sigilosos de vice-presidente do PSDB”, sob assinatura de Leonardo Souza, deflagrando os primeiros passos rumo ao escândalo político que protagonizou as eleições presidenciais à época.

A denúncia publicizada afirmou que, em 2009, nas cidades de Mauá e Santo André (SP) e Formiga (MG), membros da equipe de inteligência da pré-campanha de Dilma Rousseff (PT) violaram dados fiscais e financeiros sigilosos na Receita Federal. Os dados obtidos dos contribuintes, segundo a maioria dos jornais divulgou, constavam no relatório da “Operação Caribe”, uma investigação sobre operações suspeitas em paraísos fiscais de pessoas próximas a José Serra e a FHC, realizada entre 2001 e 2008 pelo jornalista Amaury Ribeiro. A acusação relacionou Amaury, Dilma Rousseff e José Serra: parte desse relatório estava presente em um

dossiê preparado pelo chamado “núcleo de inteligência” da pré-campanha de Dilma, elaborado contra o candidato José Serra, segundo *Veja*¹, à moda do conhecido *Escândalo dos Alopados*, de 2006, quando petistas foram flagrados com malas de dinheiro para comprar um dossiê contra Serra.

A segunda fase é a do escândalo propriamente dito, que consiste no momento em que cada movimento pode acarretar “um movimento contrário, alegações podem produzir negativas, ameaças de divulgação podem ocasionar ameaças de calúnia” (THOMPSON, 2002, p.105). No *Novos Alopados*, o segundo núcleo da narrativa equivale ao período do final de julho ao início de setembro de 2010, caracterizado pela complexa teia de afirmações e contra-afirmações na imprensa, quando surgem as transgressões de segunda ordem, como o investimento público federal em rádios e tevês comunitárias, entre elas a TV dos Trabalhadores (SP), e o caso das violações de dados bancários realizadas pela empresa vinculada à filha de José Serra, a Decidir.com.

A terceira fase é a do clímax ou desenlace, que corresponde ao ponto mais crítico do evento, com a ocorrência de confissões de culpa, renúncias, demissões e julgamentos. Esse núcleo narrativo compreende o intervalo de tempo de setembro de 2010, momento em que parte das investigações já havia alcançado alguns resultados, como o indiciamento do jornalista Amaury Ribeiro pela Polícia Federal e a autuação de ação de improbidade administrativa do Ministério Público Federal contra José Serra e Gregório Preciado.

Por fim, a quarta fase é a das consequências, que encerra o desdobramento do escândalo, quando jornalistas, políticos, intelectuais e, às vezes, os próprios participantes do evento avaliam as ações e os acontecimentos informados e suas consequências. O quarto núcleo da narrativa é desdobrado ao longo de outubro de 2010, quando o período eleitoral chega ao fim, e, logo, o escândalo facilmente se dissipa na imprensa.

Depois de termos organizado cronologicamente o escândalo em foco em fases, selecionamos, para cada núcleo narrativo, duas reportagens, uma de cada revista, em formatos

¹ “Ele era o alvo” (01/09/10), de Fernando Mello e Rodrigo Rangel, edição 2180.

impresso e digital. Tal escolha foi orientada pelo intuito de evidenciar os instantes em que as práticas discursivas midiáticas mais divergiram entre si a respeito do conteúdo informado, em um ou mais pontos críticos. Por pontos críticos compreendemos os instantes dos discursos em que se podem notar desacordos quanto a determinados sentidos constituídos. Mais especificamente, as reportagens, em cada fase, foram selecionadas à luz da identificação de pontos de tensões ou contradições entre as práticas quanto aos seguintes objetos de discurso:

- I. **Transgressão original:** a quebra de sigilo fiscal denunciada, envolvendo a elaboração do dossiê contra o político José Serra, que teria justificado a violação ilegal de dados na Receita Federal;
- II. **Transgressão secundária:** a criação da TV dos Trabalhadores (TVT), por meio de investimentos tecnológicos e financeiros do governo federal, no ano eleitoral de 2010, e a violação e publicação de dados bancários realizadas pela empresa Decidir.com, em 2001;

A delimitação temporal do evento, estruturada em quatro sequências narrativas, e a seleção das reportagens referentes a cada fase de seu desenvolvimento são sintetizadas do seguinte modo:

Quadro 1- Delimitação do corpus

Período	Características	Reportagem	
		VEJA	CARTA CAPITAL
Fase I junho- julho/2010	Denúncia da quebra ilegal de sigilo fiscal; abertura de inquéritos e processos administrativos;	Ordem na casa do Lago Sul (02/06/2010)	O dossiê do dossiê do dossiê (09/06/2010)
Fase II julho- setembro/2010	Jogo de afirmações e contra-afirmações; revelações, alegações e acusações entre os participantes;	A busca da hegemonia (01/09/10)	As quebras de sigilo fiscal (02/09/10)
Fase III setembro/2010	Confissões de culpa; demissões e afastamentos de funcioná-	O Estado a serviço do partido	Sinais trocados (13/09/10)

	rios públicos; indiciamentos e autuações; processos criminais;	(08/09/10)	
Fase IV outubro/2010	Retorno de algumas ações e acusações do evento; alguns resultados de processos criminais e de comissões de investigação; comentários e reflexão sobre o evento;	Intrigas de Estado (23/10/10)	Uma guerra tucana (27/10/2010)

3.3. CATEGORIZAÇÃO DE DADOS

Na pesquisa, dedicamo-nos à descrição do emprego da estratégia discursivo-textual da metáfora em cada uma das práticas discursivas investigadas, separadamente, com base nas classificações propostas por Lakoff e Johnson (2002). A categorização dos dados foi realizada tendo como unidade de referência a *oração*, no interior da qual identificamos e classificamos os tipos de metáforas mobilizadas através das unidades linguísticas de *sintagmas verbais* e *sintagmas nominais*, tal como exposto no quadro abaixo:

Quadro 2 – Categorização de dados

Categoria	Classificação	Unidade linguística de análise
Metáfora	Metáfora conceitual	<i>sintagma verbal</i> <i>sintagma nominal</i>
	Metáfora orientacional	
	Metáfora ontológica	

4. A CONSTITUIÇÃO DISCURSIVA DO ESCÂNDALO POLÍTICO: ANALISANDO O EMPREGO DA METÁFORA NO DISCURSO MIDIÁTICO

4.1. METÁFORAS EM VEJA

O uso da estratégia discursivo-textual da metáfora, em *Veja*, referente à transgressão original do evento, isto é, a atividade da quebra de sigilo fiscal, e à transgressão secundária da criação da TV dos Trabalhadores, apresenta a seguinte configuração:

Quadro 3 – Metáforas em *Veja*

A ordem na casa do Lago Sul (02/06/2010)	
Objeto	Metáfora
O comando do PT teve de intervir pesado.	Conceitual
A lama estourou no colo dele.	Ontológica
A turma começava a exercitar os músculos.	Conceitual
[...] testar suas rotinas subterrâneas.	Conceitual/Orientacional
Desceu uma rajada sobre eles.	Ontológica/Orientacional
[...] alagar os porões.	Ontológica/Orientacional
Lanzetta recrutou gente da pesada.	Conceitual
A busca da hegemonia (01/09/2010)	
Objeto	Metáfora
A estratégia de supressão da verdade caminha em três frentes.	Ontológica/Orientacional
Quem estaria por trás do cerco [...]	Ontológica/Orientacional
O Estado a serviço do partido (08/09/2010)	
Objeto	Metáfora
[...] mostra o enfraquecimento das instituições na era Lula.	Ontológica
[...] é apenas o episódio mais recente do	Conceitual

contínuo processo de agressão.	
O aparelho foi estourado pela reportagem.	Ontológica/Conceitual
Veio ordem de cima para debandar [...]	Orientacional/Conceitual
Os ladrões petistas teriam invadido o hotel.	Conceitual
Isso reforçaria a suspeita da existência de uma conspiração.	Conceitual
Toda essa máquina de destruição do estado opera [...]	Ontológica/Conceitual
[...] fogo amigo também queima.	Ontológica/Conceitual
Intrigas de Estado (27/10/10)	
Objeto	Metáfora
[...] se apossar do estado/aparelhá-lo/e usá-lo.	Conceitual
[...] para atingir determinados alvos.	Conceitual
O quartel-general da pré-campanha de Dilma Rousseff [...]	Conceitual
O clima de desconfiança do Ministério da Justiça contaminou até o mais alto escalão.	Ontológica/Conceitual/ Orientacional

A análise da prática discursiva de *Veja* indica que o escândalo político *Novos Alopados* foi significado como uma guerra, a partir do uso de metáforas referentes ao campo semântico bélico. Para construir e legitimar o sentido de guerra, a revista lançou mão predominantemente da estratégia de metáfora conceitual ou estrutural. Este recurso discursivo-textual atuou na construção de um tipo específico de racionalidade que concebe as ações e atividades das transgressões originais e secundárias em termos de violência, luta armada, destruição e atentado. Na significação dessas transgressões, houve a inclusão somente dos atores sociais PT e Dilma Rousseff, situados frequentemente como líderes de empreitadas criminosas e comandantes de quadrilha. A metáfora conceitual operada por *Veja* provoca o efeito semântico de naturalização das ações e atividades referidas, isto é, informadas como fatos, evidentes e inquestionáveis.

Junto à metáfora conceitual, a estratégia de metáfora orientacional contribui para racionalizar as ações atividades referidas nas reportagens de modo negativo e reprovativo, potencializando os efeitos de indignação e de repulsa no julgamento dos acontecimentos e de seus autores, uma vez que, por reiteração, cristaliza as imagens de desmoralização, sujeira e de incivilidade com respeito ao evento e aos atores sociais envolvidos. Tal estrutura imagética tem sua legitimidade e poder de persuasão fortalecidos pelo uso recorrente da metáfora ontológica, que institui e fundamenta o modo de racionalizar o evento como uma guerra entre o bem e o mal. Ao significar as experiências implicadas no escândalo em referência ao campo semântico bélico, ao reificar a causa dos problemas e desajustes do estado brasileiro na figura dos atores PT e Dilma Rousseff e ao construir a imagem da organização institucional da política como máquina, este recurso torna-se bastante útil na compreensão e no julgamento do evento como guerra ou atentado contra a democracia e o povo.

4.2. METÁFORAS EM CARTA CAPITAL

Na prática discursiva de *Carta Capital*, o quadro de uso da estratégia discursivo-textual da metáfora, a respeito da transgressão original do evento, a lembrar, a atividade da quebra de sigilo fiscal na elaboração do dossiê, e da transgressão secundária das violações de dados bancários pela empresa *Decidir.com*, apresenta a seguinte disposição:

Quadro 4 – Metáforas em Carta Capital

Reportagem: O dossiê do dossiê do dossiê (09/06/2010)	
Objeto	Metáfora
Os leitores dos jornais foram inundados com informações sobre uma trama [...]	Conceitual
[...] envolveria a fabricação de dossiês.	Conceitual/Ontológica
Os boatos sobre a fábrica de dossiês [...]	Conceitual/Ontológica
[...] a razão de os tucanos terem lançado um ataque.	Conceitual
[...] a mídia embarcou com entusiasmo na	Conceitual

versão.	
[...] desencadeassem uma onda de boatos.	Conceitual
[...] não aceitará a confecção de dossiês.	Conceitual
Reportagem: As quebras de sigilo fiscal (02/09/10)	
Objeto	Metáfora
[...] o PSDB vai ao ataque na TV.	Conceitual
Munido de uma procuração [...]	Conceitual
[...] o PSDB já foi para o ataque .	Conceitual
Que munição bombástica teria o suposto emissário da campanha de Dilma?	Conceitual/Ontológico
[...] para desestabilizar o adversário	Conceitual
Reportagem: Sinais trocados (13/09/10)	
Objeto	Metáfora
Queria explicações sobre um caso escabroso.	Conceitual
[...] não enxergou, como agora, nenhum indício de um grave atentado contra os direitos dos cidadãos.	Conceitual/Ontológico
[...] é fruto de uma negociação nebulosa.	Conceitual/Ontológico
Era, por assim dizer, um balcão facilitador.	Ontológica
As duas também deveriam ter sido alvo.	Conceitual
A morte súbita do caso não chega a ser um mistério.	Conceitual/Ontológico
Reportagem: Uma guerra tucana (27/10/10)	
Objeto	Metáfora
A mídia rebola para esconder o fato.	Ontológica
[...] a quebra do sigilo da turma de Serra é fruto de uma guerra tucana.	Conceitual
[...] para colocar nos eixos a história da quebra de sigilos.	Ontológica
[...] acabou por atingir o tucanato.	Conceitual
As informações foram utilizadas para a confecção de relatórios.	Conceitual

[...] para fabricar dossiês contra Serra.	Conceitual
[...] está na base de outra disputa fratricida.	Conceitual
O parlamentar rebateu as acusações.	Conceitual

O exame da prática discursiva de *Carta Capital* aponta para a construção significativa do evento também como uma guerra, a partir do emprego de metáforas que, frequentemente, referem-se ao campo semântico bélico. Através do uso da metáfora conceitual, que é predominante em toda a extensão das reportagens, o modo de racionalizar o escândalo como uma guerra caracteriza-se não pela imagem de um exército fascista de controle do estado atacando o inimigo ou de uma quadrilha de ladrões planejando uma ofensiva criminosa, como ocorreu em *Veja*, mas como uma disputa de reputação e capital simbólico entre dois lados opostos estabelecida na esfera da deliberação pública. O ataque, aqui, dá-se em termos de afirmações, acusações e explicações, sustentado sob a máxima de que discussão é guerra.

Tal recurso, o da metáfora conceitual, é operado junto à metáfora ontológica, que é empregada em todas as reportagens da revista. Por essa direção, constrói-se um modo de racionalidade sobre o evento e seus participantes que concebe os acontecimentos mencionados pela imprensa em geral como não-fatos, a partir da referência às ideias de fabricação, negociação, confecção e forjamento. Um dos efeitos possíveis dessa operação é a desnaturalização do que fora informado como sendo dado evidente pelos congêneres midiáticos hegemônicos.

Diferentemente do que houve em *Veja*, aqui as reportagens incluíram transgressões originais e secundárias relacionadas não apenas aos atores sociais PT e Dilma Rousseff, mas também aos atores PSDB e José Serra, posicionados, através das metáforas conceitual e ontológica, como participantes da guerra, sendo estes últimos os reais inimigos que atacam os primeiros. A ausência de metáfora orientacional nas reportagens não indica falta de apreciação positiva ou negativa acerca dos acontecimentos e sujeitos envolvidos, à maneira de uma reivindicação de neutralidade, por exemplo, mas a concepção geral de desordem e de indeterminação, tal como as expressões “inundado”, “nebuloso” e “colocar nos eixos” reforçam.

CONCLUSÃO

O objetivo deste artigo foi descrever e discutir o escândalo político como evento constituído simbolicamente por práticas discursivas articuladas por instâncias enunciativas de mídia. Mais especificamente, realizou-se uma investigação comparativa entre as práticas discursivas das revistas semanais brasileiras *Veja* e *Carta Capital*, quanto à significação do evento *Novos Alopados*, com foco sobre a análise do uso da estratégia discursivo-textual da metáfora. Ao fim da investigação, a pesquisa traz à tona um conjunto de características do processo discursivo de constituição midiática do evento em particular que, com atenção, pode ser útil a reflexões críticas acerca do fenômeno do escândalo político em geral.

Considerando que a metáfora, ao nos fazer compreender as experiências da realidade como objetos inteligíveis, atua no discurso midiático na direção de categorizar, definir e julgar sujeitos e ações, produzindo ou transformando formas de racionalidade na vida social a partir do modo como funda e refunda sentidos. O emprego de tal recurso prova a tese apresentada no início deste trabalho: o escândalo político é constituído simbólico-discursivamente. Com isso, o que se quer dizer não é que ações e acontecimentos referidos nas reportagens não possuem existência própria, mas que é o modo de conceber a existência que depende do sistema classificatório e organizador do processo discursivo metafórico. Assim, o que, em princípio, negamos ou descartamos nesta pesquisa não é a existência dos fatos em si, a sua literalidade, mas a ideia de que eles se constituem como tais à margem da condição discursiva de significação do escândalo político.

O emprego das metáforas conceituais, em especial, indica que o escândalo político é formado pela mediação textual das práticas discursivas midiáticas que o (in)formam. Através de uma extensa e complexa rede de textos que são produzidos, consumidos e interpretados pelas pessoas, inclusive na esfera privada de suas vidas, dá-se a mediação entre o evento em particular e a conjuntura social: é a metáfora, portanto, um dos recursos decisivos para a inter-relação entre a particularidade do evento (seus atores sociais e acontecimentos) e os modos de racionalidade, valoração e julgamento que integram a tessitura simbólica das formas de vida na sociedade. A discursividade do escândalo político evidencia que os *media* não atuam como simples transmissores de informações, pois, considerando que o lugar em que a manipulação

se realiza é o discurso (DIJK, 2008, p. 251), a mediação discursivo-textual do evento vincula-se à luta hegemônica.

O movimento de significação do escândalo político através de metáforas atua na criação de racionalidades sociais, por exemplo, quanto a identificações de atores sociais (tais como figuras políticas, instituições públicas e organizações e veículos de mídia), quanto a representações e legitimações de ações e atividades (da política institucional, do jornalismo e da jurisdição, por exemplo) e quanto à reprodução ou transformação de modos de vida, ao (re)fundar ideologicamente um conjunto de sentidos que pode mudar ou manter relações de conflito e oposições na dimensão da práxis. Isso evidencia que o poder de efeito do escândalo não se restringe ao embate entre personagens e seus partidos, mas se amplia à estrutura social e às formas de vida que coexistem na sociedade.

O escândalo político é configurado, enfim, por práticas de articulação hegemônica, que constituem o próprio discurso. Isto é, os discursos de instâncias enunciativas midiáticas distintas articulam diferentes elementos da sociedade (como empresas, instituições públicas e privadas, grupos e classes sociais e diversas figuras políticas, que possuem papéis, propósitos e agências distintas na vida pública) em momentos no interior de um movimento tenso de significações na vida social, instituindo relações de equivalência e diferença quanto a inimigos ou interesses comuns. Nesses termos, o escândalo político consiste em uma luta social. Como a totalidade e a objetividade do sentido nunca se realizam em plenitude, pois a impossibilidade é resultante da pluralidade de discursos que constitui toda e qualquer prática articulatória discursiva, não se trata (nunca foi o caso) de transmissão de atividades ilícitas no campo restrito da política institucional, mas, para muito além disso, de luta de significações pela hegemonia de determinados sentidos e formas de vida.

Agradecimento: À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio dispensado à pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos de Estado: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BARTHES, R. (Org.) *Análise estrutural da narrativa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

BECK, U. (Org.) *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

_____. *Questions de sociologie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.

DERRIDA, J. Structure, sign and play in the discourse of the human sciences. In: *Writing and difference*. Londres: Routledge, 1978.

DIJK, T. A. van. *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

GIDDENS, A. *Europe in the Global Age*. Polity Press: Cambridge, 2007.

KING, A. Sex, money and power. In: HODDER-WILLIAMS, R.; CEASER, J. (Orgs.). *Politics in Britain and the United States: comparative perspectives*. Durhan: Duke University Press, 1986.

LACAN, J. J. Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

LACLAU, E. ***Emancipação e diferença*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.**

_____. *Debates e combates: por um nuevo horizonte de la política*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

_____. *New reflections on the revolution of our time*. London: Verso, 1990.

LACLAU, E.; MOUFFE, C. *Hegemonía y estrategia socialista: hacia una radicalización de la democracia*. Madrid: Siglo XXI, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

SAFATLE, V. *Cinismo e Falência da Crítica*. São Paulo: Editora Boitempo, 2008.

SCHUDSON, M. *Discovery the news: a social history of American newspapers*. New York: Basic Books, 1978.

SILVERSTONE, R. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.

THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

_____. *O escândalo político: poder e visibilidade na era da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2002.

VANIER, A. *Lacan*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. Petrópolis: Vozes, 2009.

Maria Eduarda GONÇALVES PEIXOTO

Mestre em Linguística Aplicada. Doutoranda em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora do Curso de Graduação em Letras e do Curso de Especialização em Literatura e Semiótica da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Ruberval FERREIRA

Professor Adjunto do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutor em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP. Autor de GUERRA NA LÍNGUA: MÍDIA, PODER E TERRORISMO (Fortaleza: Eduece, 2007) e organizador de UM MAPA DA CRÍTICA NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM E DO DISCURSO (São Paulo: Pontes Editores, 2016).

Recebido em junho/2017 - Aceito em janeiro/2018